

SIMULTANEIDADES TRANSATLÂNTICAS: KIERKEGAARD EM CONCÓRDIA

Gabriel Guedes Rossatti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

“Simultaneidade. [Do lat. med. **simultaneitate* <lat. med. *simultaneus* + *-(i)tas, atis.*> **S. f. 1.** Caráter ou qualidade de simultâneo. **2.** Acontecimento ou ação que envolve duas ou mais coisas ou pessoas. [Sin. ger.: *concomitância, coincidência, tautocronia, tautocronismo. Cf. sincronia (2)*]”

“Concórdia. [Do lat. *concordia.*] **S. f. 1.** V. paz (1). **2.** Harmonia de vontade e/ou opiniões.”

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Fato: numa quarta-feira, data de 29 de Agosto de 1832 partiu de Copenhague com rumo a Boston o navio *Massasoit of Plymouth*, levando consigo cargas e passageiros, entre eles um certo Niels Andreas Kierkegaard, então com vinte e três anos de idade, irmão mais velho, dentre outros, de um então adolescente Søren Aabye Kierkegaard. Pois aquele chegaria finalmente aos Estados Unidos da América no dia 17 de Novembro do mesmo ano, a demora sendo devida a um mês de estacionamento na cidade de Gotenburgo, na Suécia, onde o capitão Isaac S. Gibbs esperava pegar mais passageiros, o que na verdade não aconteceu. De qualquer modo, Kierkegaard, o imigrante, chegaria a passar algumas semanas entre Boston e Nova York à procura de emprego, não obstante suas cartas de recomendação, até se assentar, ainda que de forma provisória, em uma localidade chamada Providence. A partir disso, sabe-se apenas que este passou o verão de 1833 em Nova Jersey, já doente, onde viria a falecer no dia 21 de Setembro.

Segundo fato: em 1846, Søren Kierkegaard (1813-1855), então com cerca de trinta e três anos de idade e um impressionante número de obras já publicadas, desgostoso com o tratamento recebido das insolentes massas democráticas no auge do caso Corsário, as quais passavam a se dar o direito de lhe chamar de *Ou/Ou* ou mesmo de *Søren* pelas ruas, decide se isolar ainda mais, passando dessa

forma a tomar seu ‘banho de gente’, isto é, seu necessário e salutar contato com as pessoas comuns e incomuns que por ventura estivessem em seu caminho com vontade de conversar, nos arredores da cidade, em recantos mais afastados, onde tais pessoas não pudessem aviltá-lo, ou seja, Kierkegaard estava de fato com vontade de *fugir* de sua cidade amada. Mas para onde poderia ele ir?

Por que não poderíamos imaginá-lo embarcando para os Estados Unidos da América em algum momento de 1846, tanto à procura dos restos mortais do irmão, o qual fora enterrado no Novo Mundo, quanto para fugir de seus concidadãos bisbilhoteiros e insolentes, ou mesmo por qualquer outro motivo? Poderíamos mesmo fazê-lo desembarcar em Boston, na mesma cidade onde seu irmão aportara anos antes, ou mesmo mandá-lo para a pequena cidade de Concórdia, aonde ele, que não sabia inglês, viria a conhecer um ex-pastor protestante, originariamente de Boston, de nome Ralph Waldo Emerson (1803-1882), o qual a partir da década de 1830 passava a fundir os valores de auto-cultura presentes na teologia Unitariana com doutrinas espirituais e idealistas provenientes de fontes neo-platônicas, orientais e, de forma mais importante para nossa discussão, românticas, nas quais Kierkegaard poderia encontrar um ponto de contato em relação à sua própria produção. Pois eis que o segundo Kierkegaard imigrante aprende a língua inglesa em pouquíssimo tempo, poliglota que era e, assim, já aclimatado, se torna amigo deste radical individualista estadunidense, se é que *indivíduos* nos sentidos mais românticos ou kierkegaardianos ou ainda transcendentalistas do termo podem se tornar efetivamente *amigos*... Mas que tipo de amizade seria esta? Antes, porém, valeria a pena considerarmos a natureza do *individualismo transcendental* do próprio Kierkegaard para depois falarmos de seu novo conhecido.

A obra de Kierkegaard se institui, desde seu início, por um lado, sob o signo do romantismo, sendo assim tanto seu conceito central quanto sua meta o *indivíduo*, sendo este concebido enquanto o uno ou único, o não divisível, a partícula menor da sociedade ou de um todo; por outro lado, o Cristianismo desempenha uma não menos importante fonte de inspiração para sua produção, de modo que sua concepção de individualismo passa necessariamente pela compreensão da existência humana como um dom divino, uma dádiva que não obstante não deixa de impor suas regras e imposições próprias ao indivíduo, uma vez que a existência humana, para Kierkegaard, se resume a uma tarefa, a saber, a de transformar e

desenvolver o potencial aspecto transcendental que todos possuíam em ato, ou seja, tratava-se, para ele, de colocar em prática, na *existência*, uma tarefa ofertada pela divindade, precisamente a de *existir espiritualmente*.

Dito isto, o *indivíduo* nas primeiras obras de Kierkegaard aparece apenas de forma negativa, seja através do que Hans Christian Andersen, o objeto de estudo de sua primeiríssima obra, intitulada *Dos papéis de alguém ainda vivo*, de 1838, enquanto escritor, não havia alcançado ou não era, seja através da figura de Sócrates, este sim um verdadeiro indivíduo, senão mesmo o *primeiro* indivíduo a mostrar, ainda que negativamente, a divindade presente na interioridade humana tão característica do romantismo, isto em sua tese de 1841, *O conceito de ironia*, sendo esta, a ironia, nada mais do que a maneira suprema do indivíduo gozar a si mesmo, isto é, aproveitar a sua própria personalidade, ou seja, afirmar, gozar e, em certo sentido, *transcender* a própria existência.

Já em 1843, Kierkegaard lançaria uma longuíssima obra dividida em dois tomos de título *Ou/Ou*, na qual, entre outras coisas, reafirmava a incapacidade do indivíduo de *criar* a si mesmo, ponto já desenvolvido na tese e através do qual Kierkegaard expunha suas críticas ao excesso de estetização visível em certos nomes mais importantes do romantismo alemão. Com isso Kierkegaard limitava eticamente seu individualismo, pois por mais transcendental que fosse para ele a individualidade humana, esta jamais poderia colocar-se no lugar de Deus ao acreditar possuir poderes ilimitados.

Pois uma tal concepção de individualismo seria aprofundada nas obras pseudonímicas seguintes, a saber, *Temor e tremor* e *Repetição*, nas quais a relação entre Deus e o indivíduo, assim como a deste último para com a sociedade, senão mesmo para com o mundo concreto, material, são abordadas. Com efeito, vale salientar que a partir de 1843 Kierkegaard havia aperfeiçoado seu método de comunicação, denominado de *comunicação indireta*, através do qual obras pseudonímicas eram publicadas paralelamente a obras assinadas pelo próprio Kierkegaard, sendo criado assim um jogo no qual o leitor ou a leitora têm de se colocar de forma a desvendar os sentidos de obras que tinham como objetivo maior fomentar o desenvolvimento de subjetividade em seus leitores.

Contudo, seria a partir do caso Corsário, o famoso embate público de Kierkegaard contra um dos jornais mais lidos de Copenhague que o conceito de *indivíduo* em sua obra tomaria sua formulação mais madura ou delineada, isto pelo fato de Kierkegaard passar a lhe dar uma carga sócio-política até então apenas subjacente em sua produção anterior, ou seja, a partir de 1846 o *indivíduo* se torna, por assim

dizer, a *contraproposta política* de Kierkegaard para o novo mundo da democracia e das demandas sociais, ou seja, para o aparecimento de um conceito oposto de indivíduo, o qual poderia ser descrito como *social-indivíduo*, isto é, o indivíduo visado pelas teorias socialistas, as quais, desde Fourier, acreditavam poder transformar radicalmente a natureza humana através de novas formas de organização sócio-políticas, nas quais caberia à ciência em sua fase industrial-tecnológica a tarefa de alterar e transformar o ambiente natural de forma a se produzir e satisfazer tudo o que dissesse respeito às necessidades humanas. Pois contra tal rebaixamento ideal no conceito de existência humana, no qual a plenitude humana passava a ser concebida como algo a ser materialmente alimentada ou provida, e nada mais, Kierkegaard lançaria algumas de suas obras mais críticas, de forma a lembrar seus contemporâneos de que a existência humana poderia ser vivida de outra maneira, na qual os cuidados para com o dia de amanhã, assim como toda uma série de ‘necessidades’ materiais, aparentemente tão imprescindíveis à nossa manutenção, nada mais seriam do que maneiras de nos deixarmos aprisionar pela temporalidade, pela materialidade, enfim, pelo consumismo promovido por estruturas de poder criadas com tais finalidades. Desse modo, contra o mundo das finalidades, das metas de produtividade, das chamadas necessidades tanto materiais quanto sociais, senão mesmo tecnológicas, ou seja, em nome da *gratuidade* da ou na existência, Kierkegaard afixava, por assim dizer, cada vez mais seu individualismo transcendental, um tipo de individualismo que, pelo final de sua vida, ou seja, pelos idos de 1854-55, no auge de sua campanha crítica contra a igreja estabelecida, chegaria ao paroxismo de fomentar a rebelião frente às estruturas de poder que haviam se apoderado da figura de Cristo, visto por Kierkegaard como o modelo para a constituição da existência, o qual, por sua vez, falaria diretamente ao indivíduo interessado, sem necessidade de mediadores ou intérpretes. Desse modo, ao afirmar a independência individual durante toda a sua vida, Kierkegaard se colocava ao lado daqueles que acreditavam que a existência humana, em seu aspecto eminentemente individual, isto é, subjetivo, era o lugar por excelência do conhecer, do viajar e, conseqüentemente, através da fé, do transcender.

Pois se a obra de Kierkegaard se encerra com a batalha travada através de artigos de jornal contra uma das mais poderosas estruturas de poder, a saber, a igreja estatal dinamarquesa, a de Ralph Waldo Emerson tem como pano de fundo, antes de este lançar-se à carreira efetiva de intelectual, precisamente uma semelhante invectiva contra a apropriação do divino por uma estrutura temporal, no seu caso

sob a roupagem do Unitarianismo, uma dissidência do calvinismo de seus antepassados puritanos elaborada nos Estados Unidos entre finais do século XVIII e início do XIX. Pois assim como no caso dos Kierkegaard, a teologia na casa dos Emerson era assunto de família, sendo Ralph Emerson descendente de uma longa linhagem de pastores, entre os quais se encontrava seu próprio pai, William Emerson.

Filho, portanto, de um pastor liberal, R. W. Emerson, assim como seu pai se pôs a estudar teologia, aliás, assim como seu contemporâneo dinamarquês; contudo, diferentemente deste, sagrou-se pastor e enquanto tal viveu de 1829 a 1832, quando pediu demissão de seu posto por não concordar com o excesso de formalismo envolvido na transmissão de questões tão singularmente vitais. Com efeito, a visão que Emerson foi aos poucos desenvolvendo do Cristianismo, senão dos fenômenos anteriores da religiosidade ou da espiritualidade, não se acordava bem com qualquer noção de transmissão objetiva de conhecimento, sendo tais fenômenos para ele eminentemente *subjetivos* e, enquanto tais, absolutamente inalienáveis, como se já podia ver em um sermão posteriormente intitulado *Confie em si mesmo*, de 1830, no qual dizia que

Nosso Salvador, na confiança de todo o valor que suas instruções supunham na natureza humana, diz a seus discípulos, O que ganha um homem ainda que ele ganhe todo o mundo, e perca sua própria alma? A lição que pode ser tomada desta escritura é a de valorizar nossas próprias almas, tê-las em tal estima de forma a nunca ofendê-las, e este é o tema do presente discurso. Quero reforçar a doutrina de que um homem deveria confiar em si mesmo; de que deveria possuir uma perfeita confiança de que não existe defeito ou inferioridade em sua natureza; de que quando descobrir em si mesmo diferentes poderes, ou opiniões, ou modos, daqueles de quem ama e respeita, não deveria considerar a si mesmo naquele grau inferior, mas apenas diferente; e de que para cada defeito há provavelmente uma compensação provida em seu sistema, e de que onde quer que haja [uma] imperfeição manifesta em seu caráter, ela se origina de sua própria negligência em cultivar alguma parte de seu espírito [*mind*]. Tenho medo desta grande tendência à uniformidade de ação e de conversação entre os homens. Tenho medo do grande mal causado a uma propriedade tão sagrada quanto a própria alma de um homem através de uma imitação que surge de uma irrefletida admiração pelos outros. Eu acredito que Deus deu a todo homem a semente de um caráter peculiar. [...]. É importante observar que esta autoconfiança que cresce da doutrina da escritura [acerca] do valor da alma não é inconsistente tanto com os deveres para com nossos próximos quanto para com Deus. [...] Pois o valor inteiro da alma depende do fato de que ela contém um

princípio divino, de que ela é a casa de Deus, e que a voz do habitante eterno possa sempre ser ouvida dentro dela¹.

Como visto, tal radical protestantismo de tintas românticas não poderia acordar-se com o trabalho de pastor, ofício que Emerson efetivamente abandonaria em 1832, embora continuasse proferindo sermões até meados de 1838; entretanto, o abandono do púlpito o levou a uma outra forma de exposição de suas idéias, primeiramente através de ciclos temáticos de palestras, uma verdadeira mania entre os estadunidenses e europeus de meados do século XIX, assim como o trabalho como intelectual em seu sentido mais amplo, isto é, enquanto produtor não apenas de obras próprias assim como editor de obras alheias, como as do escocês Thomas Carlyle, um outro nome fundamental do romantismo anglo-saxão, sem esquecer seu trabalho como editor de jornal, isto no início da década de 1840. Com efeito, como notaram diversos estudiosos da obra de Emerson, suas palestras serviam muitas vezes de laboratórios para suas publicações posteriores, o que significa que muitos de seus temas tenham aparecido primeiramente sob a forma de apresentações orais, entre as quais um Kierkegaard estupefato descobriria, em 1846, em alguma livraria de Boston, uma vez que algumas destas apresentações eram publicadas separadamente, uma de título *O indivíduo singular*, a qual, proferida no Templo Maçônico de Boston no dia 2 de Março de 1837, afirmava, entre outras coisas, a liberdade do indivíduo face às pressões sociais, senão mesmo eclesiásticas, servindo dessa forma como encerramento lógico a um ciclo maior de apresentações de título *A filosofia da História*.

Com efeito, os anos de 1836-38, curiosamente paralelos ao período de gestação e aparecimento da primeira obra de Kierkegaard (1838), foram decisivos para a produção posterior de Emerson, posto que foram marcados pela publicação de seu primeiro livro, o imediatamente influente *Natureza*, de 1836, assim como de suas duas mais importantes palestras, *O intelectual Americano*, na qualurgia os acadêmicos estadunidenses a voltarem-se para sua própria terra, para sua própria cultura, sendo assim esta palestra posteriormente reconhecida como uma espécie de declaração de independência intelectual dos Estados Unidos da América, independência a qual seria pregada no ano seguinte para estudantes de teologia da universidade de Harvard na apresentação posteriormente conhecida como o *Discurso da escola de teologia*, no qual Emerson conclamava os futuros pastores a abandonarem a transmissão de conhecimentos em nome da *provocação* de seus

¹ EMERSON, Ralph Waldo. Sermão XC [Trust Yourself]. In: PORTE, Joel; MORRIS, Sandra (orgs.). *Emerson's Prose and Poetry*. New York, London: W.W. Norton, 2001. p. 14-17.

ouvintes, isto através da aceitação da *existência* como matéria prima para todo e qualquer tipo de discurso interessado no fomento de *sentido*, dado que

[...] não é instrução, mas provocação, o que posso receber de uma outra alma. O que ele [o pastor] anuncia, eu devo encontrar de verdade em mim ou rejeitá-lo completamente; e de sua palavra, ou enquanto sua segunda [palavra], seja ele quem for, eu não posso aceitar nada. Pelo contrário, a ausência desta fé primária é a presença de degradação. [...] Onde quer que o púlpito seja usurpado por um formalista, o crente se sente defraudado e desconsolado. [...] Uma vez ouvi um pastor, o qual dolorosamente me levou a dizer que eu não iria mais à igreja. [...] Este homem havia arado, plantado, conversado, comprado, vendido; ele havia lido livros; havia comido e bebido; sua cabeça dói, seu coração pulsa, ele sorri e sofre, contudo, não havia suposição, uma dica, em todo o discurso, de que ele havia de fato vivido. Nem uma linha havia ele tirado da história real. O verdadeiro pastor pode ser conhecido através disto, do [fato de] ele dispensar às pessoas sua vida – a vida passada pelo fogo do pensamento. [...] Deixem-me admoestá-los, em primeiro lugar, a irem sozinhos; a recusarem os bons modelos, até mesmo aqueles que são sagrados na imaginação dos homens, e ousem amar Deus sem mediador ou véu. [...] Entreguem aos homens o ofício pastoral, e, presente ou ausente, vós sereis seguidos com seu amor como se o fôsseis por um anjo².

Ora, tal atitude, a qual efetivamente mereceria o adjetivo de *socrática*, havia sido maravilhosamente exposta no primeiríssimo parágrafo de *Natureza*, sua primeira obra efetiva, parágrafo este que, precisamente por conta de seu valor retórico, merece aqui ser citado:

Nossa época é retrospectiva. Ela constrói os sepulcros de nossos pais. Ela escreve biografias, histórias e críticas. As gerações anteriores contemplavam Deus e a natureza face a face; nós, através de seus olhos. Por que não poderíamos gozar de uma relação original para com o universo? Por que não poderíamos ter uma poesia e [uma] filosofia de insight* e não de tradição, e uma religião de revelação para nós, e não a história da deles?³

² EMERSON. An Address delivered before the Senior Class in Divinity College, Cambridge, July 15, 1838. In: *The Collected Works of Ralph Waldo Emerson, Vol. I*. Introduction and notes by Robert E. Spiller; text established by Alfred R. Ferguson. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1971. p. 80, 85-86, 90.

* Tal é literalmente o termo utilizado por R.W.E. e que explicita maravilhosamente bem sua posição, daí sua manutenção.

³ EMERSON. Nature. In: *The Collected Works of Ralph Waldo Emerson, Vol. I*. Introduction and notes by Robert E. Spiller; text established by Alfred R. Ferguson. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1971. p. 7.

Como visto, uma poesia-filosofia-religião de insight, para não dizer *daimônica*, por ser baseada na revelação subjetiva, por natureza contrária à mediação de padres, filósofos e poetas oficiais ou estatais, passava pela afirmação da individualidade humana, posição esta que se assemelha em muitos pontos à filosofia de Kierkegaard. De fato, este, ao descobrir a segunda obra de seu contemporâneo estadunidense, publicada em 1841 como *Ensaio*, isto, diga-se de passagem, após um certo esforço de leitura de sua primeira obra, a qual soaria panteísta em demasia para uma sensibilidade avessa a tais extravagâncias românticas tal qual a de Kierkegaard, ficaria no mínimo instigado, isto por conta da (re)formulação mais radical do individualismo transcendental de seu contemporâneo estadunidense tal qual contida no ensaio *Autoconfiança*, não por acaso o texto mais famoso de toda a produção de Emerson. Pois lá Kierkegaard leria que

A sociedade, por todos os lados, conspira contra a humanidade [*manhood*] de cada um de seus membros. A sociedade é uma sociedade anônima [*a joint-stock company*], na qual os membros concordam, de forma a melhor assegurar o seu pão a cada um de seus acionistas, em entregar a liberdade e [a] cultura daquele que come. A virtude que lhe corresponde é a conformidade. [A] Autoconfiança é sua aversão./ Aquele que quiser ser um homem deve ser um não-conformista [*nonconformist*]. [...] Nenhuma lei pode ser sagrada para mim senão a de minha natureza. Bom e ruim apenas são nomes muito prontamente transferíveis para isto ou aquilo; o único correto [*right*] é o que decorre de minha constituição, e o único errado o que vai contra ela. [...] Eu evito pai e mãe e esposa e irmão quando meu gênio me chama. [...] Não espere que eu mostre motivo por que procuro ou excluo companhia. Assim como, não me fale, como o fez um bom homem hoje, de minha obrigação em colocar todos os homens pobres em boas situações. São eles *meus* pobres? [...] Ser grande é ser incompreendido⁴.

De fato, o ensaio de Emerson contém, *grosso modo*, o *espírito* do individualismo transcendental de Kierkegaard; não obstante, sua diatribe em relação ao peso da tradição, concebida enquanto movimento libertador para a constituição de uma autêntica cultura estadunidense, além de sua retórica absolutamente iconoclasta e explícita provavelmente fariam Kierkegaard se ater mais às diferenças entre uma concepção e outra do que às semelhanças entre elas, as quais, por sua vez, são tão explícitas que muitas vezes parecem conter o *programa* para a produção posterior de Kierkegaard, como se vê na seguinte passagem, na qual Emerson, discorrendo sobre a perda de *vigor* trazida com o pretenso desenvolvimento civilizacional, faz a seguinte consideração:

⁴ *Idem*. Self-Reliance. In: *The Collected Works of Ralph Waldo Emerson, Vol. II*. Introduction and notes by Joseph Slater. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1979. p. 29-30, 34.

[...] talvez seja a questão [de saber se] o maquinário não atrapalha; se não perdemos em refinamento alguma energia, através de um Cristianismo entrincheirado em instituições e formas, algum vigor de virtude selvagem. Pois todo estóico era um estóico, mas na Cristandade [*Christendom*] onde está o Cristão?⁵

Podemos aventar que por sorte Kierkegaard não leu estas linhas, pois talvez boa parte do valor de suas pesquisas finais acerca do estado espiritual da Cristandade provavelmente teria se perdido se ele estivesse antecipadamente *consciente* das direções que deveria tomar. Neste sentido, sua obra pôde ganhar a configuração própria que ganhou, assim como a de Emerson, lá no outro lado do Atlântico, desde a pequena cidade de Concórdia, para onde ele se relocara com sua família em meados da década de 1830, pôde ganhar a sua, cada um, dessa forma, seguindo o *gênio* que lhe ditava as questões a serem averiguadas. Não obstante, não podemos de deixar de lamentar a inexistência de uma tal aproximação, a qual, para fazer jus ao conceito transcendentalista de amizade, teria efetivamente sido uma *terrível* amizade.

⁵ *Idem, ibid.* p. 48.